



e b u N° 35
agosto de 2008

renato teixeira

*um bate-papo com o
compositor e músico defensor
do espírito do caipirismo
valeparaibano.*

fernanda takai + cena de floripa + julieta venegas

Editorial é lugar para escrever sobre aquilo que se encontra na revista, certo? Ou pelo menos histórias relacionadas aos assuntos da edição. Só que, desta vez, gostaria de falar da matéria que não fiz. No início do mês fiquei com vontade de fazer alguma coisa sobre olimpíadas sem falar de esporte. Ora, isso você pode ver, ler e ouvir em um monte de outros meios e veículos, e com muito mais qualidade. O que queria era conversar com alguma pessoa que tivesse morado na China, de preferência em Pequim, ou mesmo alguém que ainda estivesse por lá. O objetivo seria falar de rotinas e choques culturais, além de saciar pequenas curiosidades. Mas quem?

Conheci um monte de chineses no exterior, mas esses são incapazes de fazer uma avaliação mais crítica da própria terra natal. Ou se são, nunca o fariam. Brasileiros que viveram por lá, talvez? Tirando aquela repórter da "Vênus Platinada" (o que não era uma opção muito simples), não sabia de mais ninguém. Puxa, se fosse pelo menos no Japão, teria um leque de opções. Depois de um tempo martelando, lembrei do amigo de um amigo meu que está morando na China. Entrei em contato com ele, mas recebi uma resposta negativa. A razão é que ele não podia dar entrevistas. Como não? Era proibido? A questão, ele disse, é que "não era aconselhável".

O curioso é que ao longo do mês, talvez até mesmo por causa das olimpíadas, saiu um monte de matérias a respeito da privação de liberdade na China e do forte monitoramento que todos (nativos e estrangeiros) sofrem por lá. Eram informações contidas em sites internacionais, em revistas multinacionais (como a Rolling Stone) e até numa explicação simplificada na Super Interessante. O governo chinês não se importa com o que o Ocidente pensa dele. Fundamental para essa gente é manter seus próprios cidadãos no escuro, sem vida ou opinião própria. Sociedade de formigas misturada com Idade Média e leis de Moisés, meu irmão! Atirem as bruxas na fogueira e cortem as línguas daqueles que falam demais. Matem os que ousarem pensar.

Se quisesse, portanto, fazer uma entrevista segura a respeito da vida do amigo do meu amigo, e ainda garantir que ele não sofresse nenhum tipo de advertência, teria de inventar uma tecnologia espã ultra-segura ou, quem sabe, voltar a formas elementares como cartas criptografadas (hahahaha, imagina)!

A lição que se tira disso acaba sendo até, surpreendentemente, patriótica. Liberdade - de expressão, de opinião, física e todo tipo - é um bem precioso demais. Não foi à toa que tantos derramaram o sangue nesta terra para conquistá-la. A gente precisa valorizar e cuidar mais do nosso chão, além de garantir que nossas conquistas sejam preservadas, afinal, não é qualquer lugar que temos o direito à liberdade e o exercemos de forma até abusiva. Mas não poderia ser diferente. Precisamos viver extremos para acharmos o ponto de equilíbrio.



ELEFANTE BU N° 35

EDIÇÃO, DIAGRAMAÇÃO, PRODUÇÃO E TEXTOS NÃO ASSINADOS:

Djenane Arraes

DIAGRAMAÇÃO "PORÃO WEB":

Washington Ribeiro

CAPA:

Foto de divulgação

COLABORADORES:

Leonardo de Moura, Washington Ribeiro, Dewis Caldas, Rúbia Cunha e Marcelo Leite.

AGRADECIMENTOS:

Renato Teixeira, Carolina Simões.

BLOG PARA DOWNLOAD:

<http://elefantebu.poraki.com.br>

CONTATO:

elefantebu@yahoo.com.br

CANÇÕES E AFINS:

Yoshimi Battles The Pink Robots parte 1 e 2, *The Flaming Lips* (o disco é quase um épico e a música, em seqüência, é alguma coisa fenomenal); *The Yeah Yeah Yeah Song*, *The Flaming Lips*; *Lupin The 3rd*, *Fantastic Plastic Machine* (repara, parece que o cara está cantando assim: "Go Pato Fu, Go Pato Fu..."); *Jager Yoga*, CSS; *Mercy*, Duffy (está nas rádios, mas é uma cantora interessante); *Lovin Machine*, Jon Spencer Blues Explosion (adoro essa banda. Acho que o som dela é poderoso); *Can't Take My Eyes Off Of You*, Muse (estava me inteirando do som da banda para o Porão do Rock e topei com essa versão de uma música que gosto bastante. Ficou legal); *We Used To Be Friends*, *The Dandy Warhols* (para lembrar do seriado Veronica Mars); *El Presente*, Julieta Venegas (para quebrar a seqüência de músicas barulhentas. E essa música é maravilhosa); *I Can See Clearly Now*, UB40.

ziniando/capa:

Renato Teixeira

pato fu:

Lulu Camargo

Fernanda Takai

ziniando:

Bandas de Floripa

para ouvir (ou não):

Julieta Venegas

CSS

colunista da edição:

Fábio Carbone

o guia:

Marcelo no sabe bailar

para ver:

Fantasma de Marte

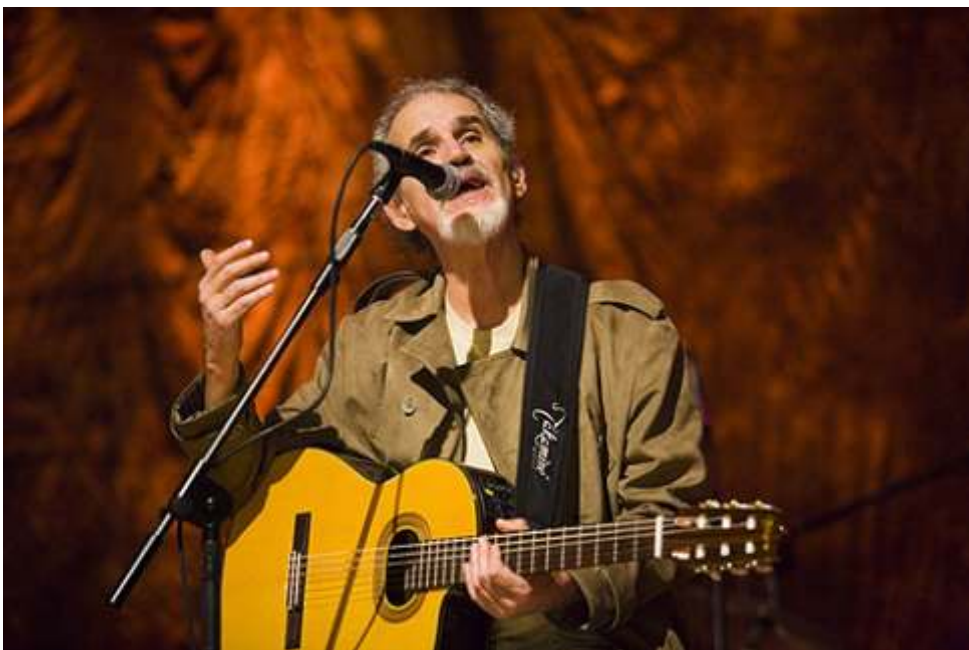
olhares:

Ponto de Tranquilidade

mundo geek:

Dr. Horrible

Batman



pato fu



até mais juju

Não, o Lulu Camargo não morreu! Desculpe se o título deixou essa impressão. Ele apenas saiu do Pato Fu para "trabalhar em projetos pessoais". Pelo menos é essa a versão oficial... bom, ela não existe, então deve ser isso mesmo. Uma pena que o Pato Fu não pode mais dizer que é uma banda onde "as pessoas não saem, só entram". Mas ela não voltou a ser um quarteto na prática. Dudu Tsuda, figura conhecida do circuito indie paulista, assume os teclados nos shows da banda.

Por mais que se diga "bem-vindo Dudu", não dá para deixar de lamentar a saída de Lulu Camargo, que deixa uma contribuição incrível. Antes dele aparecer como convidado no disco *MTV ao Vivo no Museu de Arte da Pampulha*, em 2002, o Pato Fu já era uma banda muito sofisticada no som. Mas as famosas programações eletrônicas deixavam as canções um pouco rígidas ao vivo. Quando o Lulu passou a acompanhar o então quarteto, seu teclado deu mais flexibilidade e um toque mais orgânico na apresentação da banda e, com isso, mais espaço ao improvisado. Criou-se até a chamada "Lulu Camargo" para o início do solo de teclado na segunda versão de *Sobre o Tempo*. E não se pode esquecer dos arranjos em músicas como *Nada Pra Mim* e nos ruídos a mais na já esquizofrênica *Capetão*.

A contribuição que o tecladista, no entanto, só passou a ser melhor identificada nos discos posteriores, quando ele foi integrado de forma oficial. *Toda Cura Para Todo Mal* foi um disco que se levou mais tempo para absorver porque representou o início de uma nova etapa na carreira da banda. As

músicas ficaram mais tranquilas e sutis. Mas quem o escuta pela primeira vez já percebe uma característica fundamental: é um disco muito elegante. E isso pode ser atribuído à evolução dos músicos, amadurecimento, e também à presença do Lulu Camargo. Algo percebido desde a citação de *Linus and Lucy* em *Amendoim*, ao arranjo de *No Aeroporto* além de outros sons simples e de bom gosto.

Lulu Camargo continuou seguindo a boa trilha no *Daqui Pro Futuro* e *Onde Brilhem os Olhos Teus* - respectivamente o mais recente disco do Pato Fu e o primeiro solo de Fernanda Takai e que, de certa forma, formam uma trilogia com o *Toda Cura* - com destaque para o segundo, onde fez os arranjos junto com John Ulhoa.

Antes do Pato Fu, Lulu fez parte do caldeirão sonoro chamado Karnak. Andou produzindo trilhas sonoras para filmes e TV. E quando já integrado ao Pato Fu, desenvolveu alguns projetos solos como o Tango Asimov Fantástico (onde fez uma releitura muito interessante de *Nave Errante*, do Guilherme Arantes, além de mostrar e cantar suas próprias músicas) e o Undesignio, projeto de estúdio que ele faz junto com Tiago Cabral.

A boa notícia de tudo isso é que, de uma forma ou de outra, Lulu Camargo não deixará de ser ouvido. Ele vai continuar a fazer músicas, trilhas, criar novos sons em carreira solo ou acompanhado de outras pessoas. E o zine Elebu aqui vai continuar a acompanhá-lo nas próximas aventuras. Até mais Lulu, estaremos te esperando por aqui.



"Estou em Santos. Olho para a cidade nesse feriado nublado e penso mais uma vez sobre como posso transpor esse obstáculo do anonimato absoluto que a minha profissão me reservou."

"O hotel em que tenho reserva está cheio, só posso entrar depois do almoço. Tomo café ralo na padaria ao lado e compro uma revista só para trocar uma nota de cinquenta."

"Abri o caderno e comecei a rabiscar o plano secreto infalível do dia. Será que o Pelé está aqui? Claro que não! Ele deve estar em algum lugar ensolarado, cercado de beldades, tocando seu violão pois está numa fase musical, li isso em algum lugar."



primeiro de maio, nove da manhã


O conto escrito por Fernanda Takai, *Primeiro de Maio, Nove da Manhã*, vai ganhar vida e movimento num curta-metragem. E todos poderão conferir o resultado deste trabalho no programa *Essa História Dava Um Filme*, com estréia marcada para este mês no canal pago Multishow. No caso, convidados famosos foram chamados para se aventurarem como cineastas e contar histórias reais ou inventadas especialmente para o programa, sendo que devem participar de todas as etapas do processo de produção. No caso, Fernanda escreveu o roteiro e dirigiu a história originalmente publicada em sua coluna quinzenal no jornal *Correio Braziliense*. "Foi uma experiência muito boa. O primeiro roteiro que escrevi era enorme, tinha cenas demais. Aí fui enxugando até chegar numa versão 4.0. O Legal do curta é que ele é quase todo em off. São os pensamentos do cara. Dirigir também é ótimo, desde que a sua equipe saiba o que você quer. A minha era pequena, mas muito competente. Todo mundo fazendo tudo direitinho. Aí fica tudo menos complicado pra quem era marinheira de primeira viagem como eu", disse.

Primeiro de Maio, Nove da Manhã é um conto de atmosfera noir, uma linha diferente do que a cantora costuma apresentar nas páginas do jornal. Talvez, por isso mesmo é que ele tenha chamado a atenção. É a história de um sujeito que sonha em ter seus 15 minutos de fama. O problema é que ele usa uma forma nada comum para tal e ainda envolve a dançarina que nunca ria do programa do Bolinha em seu plano. Parece até coisa de quem lê muitos livros de histórias policiais, aqueles mais baratinhos dos vendidos nas livrarias. Fernanda, no entanto, disse que não teve nenhuma motivação em específico quando escreveu um conto com essas características. "Esses textos que publico são feitos sempre no dia anterior. Por acaso eu estava mesmo em

Santos, também não pude entrar no hotel porque o check in era ao meio-dia. Estava meio doente, gripada e pensei numa coisa sobre gente que pensa que famoso consegue tudo facilmente. Não é bem assim... aí escrevi a estória sobre alguém que detesta a profissão e quer ser reconhecido, dar autógrafos".

O programa do Multishow pode não ser o único lugar para se ver o curta-metragem dirigido por Fernanda Takai. Ela considera a possibilidade de também escrevê-lo em festivais. Agora quanto a torna-se também uma cineasta, trilhando assim um caminho aberto por outros músicos e escritores, como o guitarrista dos Titãs, Tony Belloto, ela já é mais cautelosa. "Percebi que várias historinhas que escrevi podem virar curtas simpáticos. Mas o problema é ter tempo pra isso. Foi muito corrido esse processo. Eu aproveitava as brechas que tinha entre um compromisso e outro. Fiquei uns bons dias virada, sem dormir direito pra dar conta do ritmo de decisões, reescrever cenas".

Agora é aguardar para ver se a ótima cantora e escritora vai dar um bom caldo também como cineasta.



a volta da

MUSA

para ouvir (ou não)



E não é com pouca coisa que Julieta Venegas despontou 2008. Nada menos que três discos para satisfazer os anseios dos fãs mais ávidos. Basicamente são duas coletâneas e um acústico. É verdade que um dos discos pode ser considerado mais do mesmo, no caso, a coletânea *Realmente Lo Mejor*. Aí é disco "coleção focus" mais luxuoso, que traz muitas faixas do *Limón y Sal*. O segundo, *Cosas Raras*, é mais interessante e bacana, pois é um apanhado de gravações que Julieta fez para filmes e outras mídias que nunca foram registradas num disco oficial, além de versões demos de algumas músicas e outras canções que nunca tiveram uma chance.

Muito bacana também é o *Acústico MTV*, o terceiro disco em questão. Ele foi feito nos moldes que nos acostumamos a ver no Brasil, com uma produção de luxo, convidados especiais, cenário bonito, muitos sucessos e alguma coisa inédita. O negócio é que a Julieta exagerou, mas para um lado todo positivo. Sim, o acústico dela segue um roteiro e uma fórmula que se pode considerar padrão para o tipo de produto com selo MTV. Ela também não fez mudanças radicais nas estruturas das

canções originais, que mais foram adaptadas para o novo formato e para outros instrumentos. Talvez uma ou outra tenha fugido do espírito da versão original, que é o caso do clássico *Lento*, onde o solo do piano, tocado pela própria anfitriã, predomina e contribuiu para uma atmosfera mais intimista. Ou *Limón Y Sal*, que ficou mais acelerada e com um jeitão "Sgt. Pepper" dos Beatles.

Julieta levou um time de primeira categoria para acompanhá-la. Entre os músicos estava ninguém menos que Natalia Lafourcade, cantora, compositora e multi-instrumentista mexicana. Só para situar melhor quem não a conhece, Natalia Lafourcade fez muito sucesso em dois discos acompanhada da banda La Forquetina nesta década. A música dela tinha influência carregada da bossa nova. Era algo meio Pato Fu com João Gilberto e pitadas de Bjork. Mas a banda acabou em 2006, e ela se mandou para um auto-exílio no Canadá. Voltou ao México no ano passado, quando lançou em novembro o projeto *Las Cuatro Estaciones Del Amor*, que são quatro peças instrumentais feitas junto com a orquestra sinfônica de Veracruz. Ela pensou na estrutura das músicas e convidou o maestro da sinfônica para transformar isso daí em partitura. Neste ano, ela deve lançar o terceiro disco "comercial", e promete um dueto com... Julieta Venegas. Mas primeiro veio o projeto do acústico, onde Natalia fez parte da banda tocando vários instrumentos, além de fazer os vocais.

Outro detalhe interessante neste projeto é a participação brasileira. Julieta tem muita identificação com a música daqui. Já fez parcerias com Lenine e Érika Martins, inclusive. Na entrevista que cedeu ao Elebu no ano passado, confessou que ouviu vários discos, tem muitos amigos no Brasil e até fez uma pequena lista de pessoas que gostaria de trabalhar, entre elas, Marisa Monte. E essa parceria se confirmou no acústico em *Ilusión*, canção inédita muito bonita e delicada cantada na maior parte dela em português. Ficou tão boa que é candidata a tocar nas rádios nacionais sem precisar virar trilha de novela e, se a Sony/BMG tiver alguma ousadia, é um ótimo canal para lançar de vez a Julieta Venegas no mercado brasileiro. Jaques Morelenbaum - violoncelista e arranjador carioca que trabalhou com Gal, Caetano, Gil, Bethânia, Chico Buarque, Marisa Monte, entre vários outros - também deixou sua contribuição no acústico.

Não se pode esquecer que a própria

Julieta Venegas esteve ótima tocando o seu já famoso acordeom. É esse instrumento que costuma levar um peso mais mexicano em sua obra e, ao mesmo tempo, contribuiu para diferenciá-la das demais cantoras pop. Mas o curioso é que o efeito do acordeom é muito sofisticado graças a forma com que Julieta o executa e como ela o encaixa na própria música. Isso fica muito claro no primeiro single do acústico, a inédita *El Presente*. Música animada, dançante, mexicana, ótima letra, mas que também chama atenção para as sutilezas.

De modo geral, o acústico MTV de Julieta Venegas ficou quase perfeito. Há alguns pontos mais discutíveis como a participação de Mala Rodriguez, em *Eres Para Mi* (moça de voz estranha), mas de resto não há do que se queixar. *Andar Conmigo*, *Me Voy*, *Algo Está Cambiando*, a também inédita *Algun Día...* todas excelentes. Um último detalhe: Julieta está cantando bem demais. Voz poderosa, expressiva, segura, presença de palco. Parece que ela atingiu o fino de sua performance.

É lamentável que os discos dela não são lançados no Brasil e é preciso recorrer a internet. Porque aí está um acústico que vale à pena ter na coleção.



CSS *donkey*

Tem algumas coisas que não entendo no Brasil. Por aqui arruma-se todas as razões do mundo para detonar alguém. Olha o caso do CSS (antigo Cansei de Ser Sexy). Quando eles apareceram devido ao sucesso no Trama Virtual (o mais significativo que apareceu por lá, diga-se de passagem), o mundo era só elogios. Todos queriam o crédito por ter "descoberto" a maravilhosa novidade. Daí eles tocam num festival conceituado e dão sinais que cresceriam. Começaram a aparecer as primeiras críticas. Que eles não sabiam tocar, que era uma banda teatral. Depois tiveram a oportunidade de ir para o exterior, fizeram sucesso entre os indies, uma música foi trilha de propaganda de uma poderosa multinacional, tiveram música em "simlish", e foram os primeiros brazucas a romper a faixa do milhão em audiência no YouTube com *Music is My Hot Hot Sex*. Clipe tosquíssimo, diga-se de passagem, que já foi visto por mais de 13 milhões. Aí o que acontece? Os caras são esnobados no próprio país porque não vestem camisa da seleção de futebol e nem cantam em português. Fora aqueles que lotam o show para depois detonarem porque falar mal do CSS passou a ser cool. Lançaram o segundo disco não faz muito tempo e agora as pessoas falaram mal porque saiu por uma gravadora mais influente no exterior (aqui continua a sair pela Trama) e não é mais tosco. A banda não é perfeita, e por isso, passível a receber críticas negativas, claro. Mas daí a implicar de forma gratuita não dá.

A respeito do segundo disco, *Donkey*, é preciso levar em consideração algumas coisas. A primeira é que os integrantes da CSS tornaram-se pessoas comprometidas e profissionais. Eles foram inseridos num mercado indie mais organizado e com estrutura superior ao brasileiro - aliás, a comparação entre o mercado inglês e o nosso é até ilógica pela desproporção. Outro fator é o

próprio tempo. Três anos e centenas de shows pelo Brasil, Europa e EUA desde o lançamento das faixas do primeiro disco é muita água que passou por baixo da ponte. Essa passagem do tempo e a mudança de país deixou o som da CSS bem mais inglês, se pensar bem. Resumindo, anormal - além de uma tremenda burrice - seria se a banda congelasse na antiga "proposta".

E sem mais enrolação, o *Donkey* é um bom disco, muito bem produzido por Adriano Cintra, o agora baixista (com a saída de Ira), cérebro eletrônico, vocal e também base de sustentação da banda. É verdade que o primeiro single, *Rat is Dead (Rage)*, passa uma má impressão porque, de fato, não é grande coisa. Não chega perto do balanço bacana de nenhuma faixa do disco anterior. Em compensação, outras do *Donkey* são infinitamente superiores a toda produção unida dessas bandinhas por aí que seguem a trilha do CSS no chamado eletro-rock - ou o rock jacksoniano, como acho que descreveria melhor o caso aqui - bom, na verdade é um trabalho muito melhor do que muitas bandas queridinhas da mídia nacional e internacional. A faixa de abertura, por exemplo, *Jager Yoga*, é sensacional. Assim como as músicas que invocam mais o groove e possuem mais balanço, boas para as pistas. Estão nessa linha *Move*, *Let's Reagge All Night* e *How I Became Paranoid*. São as melhores porque são faixas que dão um passo à frente no som do primeiro disco. O que puxa o disco, de certa forma, para baixo, são as faixas que mais "britânicas", por assim dizer. No caso, *Air Painter*, o primeiro single e *Give Up*. Um adendo aqui, não é que essas músicas sejam ruins. Não é bem assim. O negócio é que elas, além de não serem tão empolgantes quanto as outras mais CSS, remetem ao som de outras pessoas que fazem ou fizeram melhor esse tipo de som.



wake up!

53 minutos para ir se preparando pra mais um dia. O setlist é esse:

1 [music is my] occupation (*skatalites*)

<http://youtube.com/watch?v=V-88n3pyTx0>

2 wouldn't it be nice (*beach boys*)

<http://youtube.com/watch?v=L--cqAl3lUI>

3 california stars (*wilco and billy bragg*)

<http://youtube.com/watch?v=WcMsB3mYPMs>

4 electrolite (*rem*)

<http://youtube.com/watch?v=6lgfJqP9urs&feature=related>

5 te quiero igual (*andrés calamaro*)

<http://youtube.com/watch?v=xJBtFFlcBU0>

6 o' valencia (*decemberists*)

<http://youtube.com/watch?v=lbsHwuyfnnw>

7 imperfeito (*pato fu*)

<http://youtube.com/watch?v=vVg85GjRW1M>

8 regret (*new order*)

<http://youtube.com/watch?v=nc6xCpcawEM>

9 mornings eleven (*magic number*)

<http://youtube.com/watch?v=wGW1hXJryY8>

10 just like heaven (*cure*)

http://youtube.com/watch?v=ORc5Td_T6og

11 tumbling dice (*stones*)

<http://youtube.com/watch?v=9aiG4GQ4fkc>

12 oh! darling (*beatles - versao antology*)

<http://youtube.com/watch?v=Ji-37n5OMR4>

13 about you (*teenage fanclub*)

<http://youtube.com/watch?v=H6vKsBxcTRo>

14 transport is arranged (*pavement*)

<http://youtube.com/watch?v=MoxmU5Vx3ts>



amanheceu, peguei a viola...

"... botei na sacola e fui viajar". Talvez esse seja um dos versos mais lembrados da dita música de viola ou raiz por ser tema de abertura do Som Brasil nos anos 80. Melodia que ficou impregnada na memória de muita gente. Mas para o santista Renato Teixeira de Oliveira, moço criado Ubatuba e que passou a infância no interior de São Paulo, a música não é de raiz. É um folk comprometido com uma série de valores da música brasileira, em especial a caipira. Um som muito próprio que ele vem desenvolvendo ao longo de pouco mais de 40 anos de uma carreira sólida, autêntica e cheia de clássicos incontestáveis como Um Violeiro Toca, Olhos Profundos e Romaria.

Elefante Bu - O que é o espírito do caipirismo Valeparaibano que você divulga e defende?

Renato Teixeira - As pessoas pensam que quando falo de cultura caipira, que isso é uma coisa matuta. Não é! Quando falo de Taubaté, estou me referindo a uma cultura que vem de Mazzaropi, (Monteiro) Lobato e Guimarães Rosa. Mas, na verdade, a minha música é folk inspirada em todo esse universo. O meu jeito de encarar a cultura caipira é diferente. Às vezes você a encara de um jeito mais banal, mais descartável como a dos sertanejos. A música folk é mais comprometida com valores, no meu caso, com a cultura caipira.

Elebu - Falando de sertanejos, este veículo tem um grande grupo de leitores que aprecia muito a sua música e a música chamada caipira ou de raiz, mas rejeita abertamente a sertaneja defendida pelas duplas, que na verdade fazem mais é música romântica do que outra coisa. Qual a sua posição em relação a esse sertanejo moderno e o que pensa dessa postura dos leitores do zine, no caso?

Renato - Acho até que é uma coisa meio óbvia no sentido que as duplas sertanejas fazem um tipo de jogada comercial/industrial das gravadoras. É nítida nessas obras a interferência de uma mentalidade gravadorística, vamos dizer assim. Elas talvez tenham sido a última grande jogada da indústria do disco. Eu não sei como eles fazem ao certo, mas é um tal de "emenda daqui", "puxa dali", mistura com o country americano e une tudo isso com a explosão dos rodeios no Brasil. E elas assumiram isso aliadas com uma qualidade de produção dentro de uma roda de espetáculos. Você vê que os shows mudaram a partir delas. Pode até ver que o axé de hoje, com Ivete Sangalo e esse pessoal todo, está embargado numa coisa que começou com o Chitãozinho e Xororó. Tudo é "mega" agora. Isso interessa muito ao anunciante. Essa história de colocar 100 mil pessoas na frente do palco interessa à cerveja e ao telefone celular. Todo esse pessoal passou a ter apoio dos patrocinadores que, por sua vez, não tem compromisso com nada a não ser com o dinheiro.



Isso faz parte do mercado e o trabalho delas está nessa base. Mas eu continuo dizendo: as minhas músicas são perenes. As delas, algumas. Posso não encher um estádio de futebol, mas *Romaria* toca há 30 anos e consegue transpassar gerações. Assim como outras canções, como *Tocando em Frente*, minha e do Almir (Sater). Tenho um público muito grande. Acho que o equívoco dos anunciantes está exatamente em achar que o público só quer pão e circo, só que dançar e pular. Hoje, toco em espaços abertos onde o pessoal vai lá para ouvir as músicas. Não existe mais aquela de só ir para dançar. E a música tem desses mistérios. O que acho mesmo é que cada um tem que fazer a sua parte e é da soma disso tudo que surge uma música brasileira poderosa que forma um dos melhores mercados de discos e de shows do mundo. É um mercado muito interessante e por isso existe a ploriferação de gênios, sempre aparecem coisas novas. Isso é sinal que a música está viva, que está fazendo o papel dela que é unir um idioma em torno de canções que todos conhecem. Claro que existem detalhes vis no percurso, mas eles não são importantes. Fundamental é que a música se movimenta. Ela está aí com toda força.

Elebu - Quando fiz a pesquisa para me preparar para este nosso papo, fiquei surpresa ao saber que, na verdade, a sua carreira começou ainda na década de 60 ou seja, bem antes do que imaginava. E que você testemunhou de muito perto, todos aqueles movimentos da época, dos festivais, Tropicália. Como foi essa época para você?

Renato - Eu cheguei em São Paulo no final de 1967. Já era um momento que a ditadura militar estava forte e havia muita coisa acontecendo. Mas eu era só um iniciante. Costumo dizer que fui um espectador privilegiado porque era amigo do pessoal e estava sempre junto. O que acontece em relação a mim, é que moro em São Paulo, não tenho nenhuma relação com o Rio de Janeiro, não participo do esquema de lá, mas também não participo do esquema dos sertanejos daqui, embora sejamos amigos. Na realidade, estou criando a minha própria tribo. Bom, já naquela época fui para um lado muito peculiar porque me inspirei na cultura caipira que, na cabeça de muita gente, é vista como uma arte menor. Eles nunca tiveram uma leitura generosa desta arte. Quando pensam em dupla caipira, vem logo a cabeça dois jecas cantando. Não pensam em Guimarães Rosa, em Tarsila do Amaral, em Lobato. Então, aquela época era uma coisa meio Rio de Janeiro, Zona Sul, bossa nova, turminha, "eu sou mais bonito que o outro". Eu fico é meio longe da fogueira e vou embora. Mas também não fico para trás. Na verdade, eu também dou alguma contribuição na música brasileira quando invisto nesses meus sonhos. *Romaria*, por exemplo, se você procurar vai encontrar coisas que podem até ter alguma coisa parecida. Mas ela tem um entendimento na concepção que inova. Não adianta você ser só compositor e fazer música. Você tem que pensar na música do seu país, pensar nela como um todo. Eu nunca quis ser só mais um. Faço um trabalho que tem personalidade, e como conheço o assunto, talvez, de todos, eu era o único que o entendia já no final dos anos 60. No início dos anos 70 eu já tinha começado a trabalhar em cima do que é uma canção nova, contemporânea a partir da música da cultura caipira. A coisa chegou num ponto que a gente foi se inserindo meio que intuitivamente nesse universo folk onde habita o Bob Dylan,

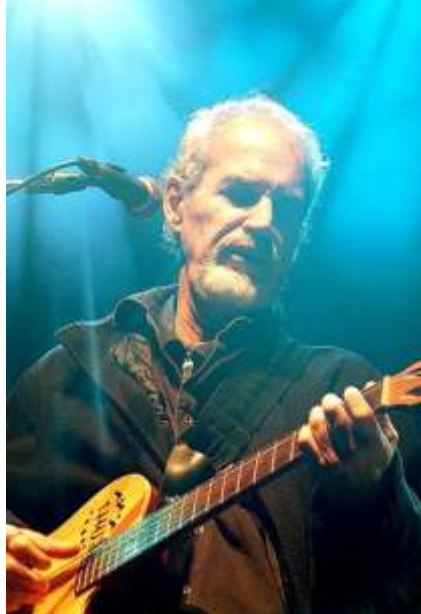


que canta coisas de seu país com ataque, com uma memória cultural. É uma música que emociona que toca o coração, que faz você pensar e se divertir também. O folk é um gênero que tem um conceito universal, se você pensar bem. Teve uma hora que as pessoas perguntaram: você não é caipira, não é sertanejo, então o que você é? Eu sou folk.

Elebu - E como era a sua relação com Elis Regina, que na verdade foi quem te lançou com Romaria?

Renato - A gente já era amigo. Era até uma amizade fora da música. Eu e Elis até conversávamos do assunto, mas nunca de compositor para cantora. Mas um dia ela me chamou, como compositor, para ir à casa dela. A gente gravou umas músicas lá e ela acabou escolhendo *Romaria* e *Sentimental Eu Fico*, que são duas músicas minhas que estão no disco *Romaria*. A Elis lançou um bocado de gente. Quando uma pessoa como ela cantava alguma coisa de um compositor novo, todo mundo prestava atenção.

Elebu - Há duas músicas suas que eu gosto demais. A primeira, *Amanheceu*, *Peguei a Viola*, faz parte da



minha infância. De acordar e ouvir a música na TV. E a outra é *Tocando Em Frente*, que é uma das minhas favoritas, que eu acho que tem uma das letras mais bonitas. Essas canções têm alguma história especial por trás delas?

Renato - Quando o Rolando Boldrin saiu do Som Brasil e entrou o Lima Duarte, abriu um espaço para uma nova música e eles me convidaram para fazer. Daí surgiu o *Amanheceu, Peguei a Viola* para abrir o programa. Ficou uma música popular. Ano passado, ela foi escolhida pela Academia Brasileira de Letras como umas das 17 letras inquestionáveis da música brasileira. O que até me surpreende um pouco. É que, às vezes, você está tão voltado para outras músicas que quando uma coloca a cara num momento importante, você fala: "pô, não esperava por essa". E o *Tocando Em Frente* é a minha parceria com o Almir que vem de muito tempo. Ela saiu até muito rápida em vista que a gente demora para fazer uma música porque trabalhamos muito em cima de cada uma. E essa saiu meio "pá, pum". A gente nunca sabe qual vai ser o destino da música depois que ela está posta. Às vezes a gente gosta demais de alguma, que o pessoal não de interessa muito. Já tem outras que você não presta muita atenção e aquilo marca. Felizmente, a

gente não tem esse controle.

Elebu - Agora esse demorar foi o que fez você fazer menos canções?

Renato - Mas eu tenho um monte de sucessos!

Elebu - Sim, você tem dezenas de sucessos. Mas a minha questão aqui é que se a gente considerar os anos que você tem de carreira e a quantidade de discos que você lançou, proporcionalmente você não compôs tanto assim. O que mostra que o seu lado como intérprete é também muito significativo.

Renato - É que eu virei cantor com essa história de fazer shows. Hoje eu gosto muito de cantar. Pode ser que se tenha essa impressão porque eu fiz muitas músicas para outros artistas. Desde que cheguei, a minha primeira gravação foi com a Gal Costa, depois o Roberto Carlos defendeu música minha nos festivais. Também Bethânia, Elis, Nara. Quando cheguei a São Paulo, fui inclusive contratado na TV Tupi, que era praticamente a única emissora que tinha ao lado da Record. E naquele momento já tinha algumas músicas conhecidas. Enfim, desde que comecei, a minha carreira tem uma visibilidade. Mas é que eu nunca entrei em esquemas de grandes gravadoras, de fazer um determinado tipo de música para facilitar as coisas. Eles nunca me pediram também e nem eu nunca me ofereci para ser um autor manipulado. Também, na minha carreira, nunca, nunca, nunca ninguém chegou para me impor coisas. Isso até pela minha postura. Existem pessoas que são autores de músicas descartáveis. Mas eu não sou!

Elebu - Então agora está tudo respondido.

Renato - Para você ver uma coisa. Pega toda a obra do Chitãozinho e Xororó. Pega todos os sucessos deles e depois pega os meus. Você vai ver que não tem muita diferença não. Acho que é só uma questão de eu gostar muito de ficar em casa. Essa coisa de showbiz, show das estrelas... eu não moro nesta rua.

bandas de floripa

Quando falamos da cena musical de uma cidade, não importa a estrutura e características políticas que ela tenha. O que importa mesmo são as bandas que fazem parte dela. Esta que deveria ser a segunda parte da matéria da cena de Florianópolis na verdade se transformou em uma outra primeira parte apenas para falar das bandas que o zine considerou ser as oito bandas mais interessantes em atividade na capital catarinense.



daca e os faixa-preta

Desde: 2005.

Quem: Rodrigo Daca (voz e gaita), Leonardo (baixo), Eduardo Xuxu (guitarra e vocais), Marcio RS (bateria).

Discos: *Daca, Volume 1* (2007).

O quê: O Daca é do rock. Já não é mais o bluesman com músicas de pegada forte, no melhor espírito Chuck Berry de ser, numa época que ele ainda era um Jeruso. Mas o velho Daca cresceu, foi ficando mais calmo, o rock poderoso foi dando espaço a uma música mais elaborada... digamos, mais Beatles. Ao lado do produtor e amigo Eduardo Xuxu (ex-Pipodélica) lançou ano passado o *Volume 1*, com boa parte das músicas de um repertório relativamente antigo com músicas que vinham sendo trabalhadas há uns dois anos pelo menos. Canções como a deliciosa *Beleza Inglesa*, que nas primeiras gravações recebeu até vocais femininos, depois eliminados na versão definitiva que entrou no disco. Também entram no bolo que você precisa ouvir *Imagem Distorcida* e *Maldição*. Agora o velho Daca parece que encontrou o caminho com a atual formação dos "Faixa-Preta" (só gente da maior competência). Deve lançar no próximo ano o *Volume 2* pela Pisces Record com músicas fresquinhas.

Onde: www.myspace.com/rodrigodaca

samambaia sound club



Desde: 2003.

Quem: André Guesser (bateria), Daniel Gomes (baixo), Jean Mafra (voz), Marco Antonio Jaguarito (guitarra), Thiago Gomes (guitarra).

Discos: *Samambaia Sound Club* (2006).

O quê: Quem for no MySpace da banda neste momento vai encontrar por lá o EP de remixes do primeiro disco do SSC (não confunda... não é CSS ao contrário). Apesar do som ser bem legal, coisa para se colocar na pista de dança de casa noturna, o som não é bem aquele lá. É verdade que o quinteto faz uma música para dançar, com muito groove, mas não é "tintum tintum", é um treco bem mais interessante. Toma como base um dos singles, *Michê*. É música para curtir, pular e cantar junto, mas com guitareira, com baixo bem trabalhado, vocais legais. Jean Mafra disse que o segundo disco do SSC está a caminho, previsto para outubro deste ano. E para fazer a propaganda completa, o vocalista deve lançar um pouco antes o primeiro projeto solo.

Onde: www.myspace.com/samambaiasoundclub

kratera

Desde: 2004.

Quem: Roberta Kiefer (voz), Galináceo (guitarras), Chris Lata Véia (bateria), Mogs (baixo).

Discos: *Boca de Lobo* (2007).

O quê: Foi uma banda formada por "puro repúdio ao bom mocismo do pop/rock nacional". E de bom mocismo o som da Kratera não tem nada. É guitareira distorcida, pesada, um vocal meio gritado, nervoso. Coisa que, de fato, anda ficando raro no cenário indie nacional e daí todo o merecimento do quarteto. Para quem gosta de se vestir de preto e entrar em todas as rodas de pogo em shows.

Onde: www.myspace.com/kratera



aerocirco

Desde: 2003.

Quem: Della (voz, guitarra), Henrique (bateria), Maurício (guitarra), Lange (baixo).

Discos: *Aerocirco*, *Som das Paredes*, *Liquidificador* (2007).

O quê: "A Aerocirco é uma banda de rock baseado no rock retrô e como diz Edu K. a banda possui canções retro-pós modernas". Bom, pelo menos isso é o que diz no release oficial. Falar de rock retrô é meio complicado. Até porque tem um bocado de gente que diz que faz a mesma coisa. Mas tem algumas coisas que não podem ser levadas tão ao pé da letra ou compradas só porque o release diz. Até porque a Aerocirco tem um som muito moderninho para ser chamado de retrô. Ok, a "bronca" já foi dada. Agora é partir para o

principal e isso diz respeito ao fato que a Aerocirco é uma das bandas mais interessantes de Florianópolis para quem gosta de rock e é fã do indie. O disco mais recente, *Liquidificador*, é uma delícia de se ouvir. E há de ressaltar que o trabalho de mídia (site, clipes) e organização da Aerocirco é exemplar.

Onde: www.aerocirco.com.br



marcelo no sabe bailar

Samba



di cavalcanti

Marcelo "Addam" Leite

O título é plágio. Aviso logo, pra que não achem que nada do que vou falar aqui possa ser enganação. Mas assim como é plágio, é verdadeiro. Não sei sambar. Mas não sei MESMO! Sou um pé-de-valsas da pior espécie, quando a batucada dos tamborins e pandeiros começa. Ao som da bateria e das guitarras, até pulo, bato cabeça, dou minhas eventuais cotoveladas em outros roqueiros ao redor. Mas no samba, possivelmente só piso em alguns calos e dou as trombadas desastrosas. Tem uma musiquinha que parece que fala de mim: "*Quem não gosta de samba, bom sujeito não é. É ruim da cabeça ou doente do pé.*" Acho que sou as duas coisas, de tão ruim.

Voltando ao plágio, o primeiro que usou esse título foi Efraim Medina Reyes, autor Colombiano, em uma parte de seu tríptico *Pensé que solo los peces La movían de esa forma*. Ele usou esse título para falar de outro Marcelo, amigo seu, que foi morar nos Estados Unidos e se viu em uma situação constrangedora, cercado de amigas estadunidenses que haviam arrumado um CD de samba e queriam que ele as ensinasse a sambar. Pois comigo seria igual, volto a dizer. Sou brasileiro e não sei sambar, não gosto de malandragem nem curto futebol. Crucifiquem-me logo, por favor, e mesmo assim não sambarei nem que me obriguem, no inferno.

Acho que o maior problema é parecer uma obrigação, sabe? Uma semana por ano é dedicada ao samba, eu fico me sentindo até mal. Morar no Rio e não curtir o carnaval parece tão anormal que chego a me sentir culpado, de vez em quando. Fevereiro

desse ano a culpa me fez deixar a casa pra ir buscar algum bloco de rua onde pudesse me divertir um pouco. Numa batucada mais forte, meus cotovelos agiram por instinto, achando que podiam abrir uma rodinha e eu fui expulso. Ano que vem eu saio de camisa de força, prometo.

Na verdade, eu consigo, com algum esforço, me virar numa pista de boate. Nesse ponto, não se pode reclamar muito, mas eu ainda prefiro os pulos desordenados e os encontrões das rodinhas de show de rock, só isso. O estigma, no entanto, é uma vadia. Na festa de fim de ano de um cliente, algumas funcionárias faziam questão que eu dançasse, e é claro que o próprio não deixou barato e colocou pilha. O bom é que é o tipo de interesse que dura pouco. Meu "samba" não chega nem a ser engraçado, de tão trágico. Sorrisinhos sem graça, o eventual comentário e eu logo disparo: "Marcelo no sabe bailar samba".

Assim, faço dessa crônica um agradecimento a Efraim Medina Reyes, pois sem a frase dele, que eu aprendi a plagiar, eu sairia da pista de dança sem uma boa resposta. E assim sendo, viva o plágio, inevitável destino da obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. E que Walter Benjamin me perdoe, mas deveria haver uma sigla, aqui, especialmente pra esse tipo de piada interna. Mona Lisa, em suas caixas de cereais, agradece. E aposto que nenhum dos dois, Walter ou Mona, sabia sambar.

terceira parada

Djenane Arraes

Antes de mais nada, a Rúbia não pôde fazer a terceira parte do seu passeio pelas produções trash. Logo, para não romper a seqüência, vou assumir o posto nesta edição. O filme escolhido, *Fantasma de Marte* (*Ghosts From Mars*, EUA, 2001), de John Carpenter, é até decente considerando que é uma ficção científica/terror de quinta categoria assumida. O velho Carpenter fez "escola" quando dirigiu *Halloween* no final da década de 70, além de outras pérolas como *A Coisa* e o clássico sessão da tarde *Os Aventureiros do Bairro Proibido*. Logo, não há muito crédito.

Fantasma de Marte é uma produção canastrona bem intencionada. No elenco, está o rapper e "ator" Ice Cube, que até tem uma carreira interessante: a cada dez filmes que atua ou faz, acerta em dois. Ele "interpreta" um bandido da mais alta periculosidade que precisa ser removido para uma prisão mais segura em Marte. Abre-se um parêntese aqui: o ano é 2176 e o planeta vermelho foi a alternativa para escoar um pouco da população que já superlota a Terra, fecha parênteses. A tenente encarregada da tarefa ingrata é o papel da "atriz" Natasha Henstridge, a que ficou conhecida quando fez a série cinematográfica *A Experiência*.

Há mais alguns complicadores no filme (sempre tem). A gangue do bandido está armando

para recuperar o líder, a tenente tem um probleminha com vício em químicos, e o ambiente está infectado de "fantasmas". Esses são os mais legais, porque eles possuem e transformam os humanos em fãs do Marilyn Manson misturados com bandidos de *Mad Max* e adeptos do sadomasoquismo. E olha só, o líder deles é o próprio clone do Marilyn Manson! Fica fácil prever que para conseguir sobreviver ao chefão anti-cristo-wannabe de alguma-coisa-metal, a equipe da tenente e a gangue do Ice Cube vão ter que se unir. A dinâmica fica ainda melhor quando o espírito nobre norte-americano prevalece e, no intuito de salvar a humanidade da gangue com gripe marciana, os heróis armam um plano bem tosco para detonar uma bomba nuclear. Exorcismo está fora de questão... dá muito trabalho.

A mensagem mais poderosa do filme, no entanto, acontece quando, durante um combate, a tenente Henstridge é abandonada ferida e infectada. Mas ela resiste bravamente e consegue se curar graças, olha só, aos mesmos químicos que ela tentava resistir. Ou seja, nada como uma boa psicodelia para combater certas porcarias.

Há momentos de *Fantasma de Marte* que a pipoca e o guaraná chamam mais atenção, claro, mas vamos dar a César o que é de César: dá para se divertir um bocado.



para ver



ponto de tranquilidade

Louis, 1959-60, *Hirshhorn Museum and Sculpture Garden,
Smithsonian Institution. Washington, DC*

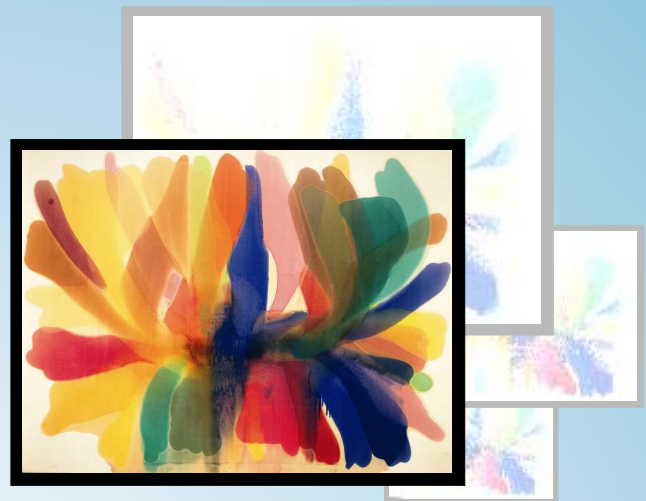
Por: Leonardo de Moura

olhares

Ao falar de arte abstrata, freqüentemente nos vêm à mente apenas o conceito de que “é o tipo de arte em que não tem forma”. É uma concepção que não está de todo errada, mas classificar uma obra como sendo abstrata simplesmente porque o artista não teve intenção de representar objetos próprios da nossa realidade concreta exterior é insuficiente. Antes, é preciso saber o modo como ele produziu sua pintura e a razão de tê-la feito assim. Desse modo, escolhemos a obra *Ponto de Tranqüilidade*, de Morris Louis (dito “expressionista abstrato”, embora rotular artistas e obras seja um modo um tanto restritivo de conhecer o mundo da arte), para apresentar este argumento.

Neste trabalho, Louis utilizou tinta acrílica espalhando-a em padrões distintos que lembram um arranjo floral. Apenas lembram, pois ele não quis desde o início representar este objeto concreto. Ao permitir que a acrílica diluída escorresse, guiando seu fluxo simplesmente inclinando a tela, ele criou um quadro sem dar uma única pincelada. Sua intenção era que a obra comunicasse a si mesma, apenas pelo uso das cores. O mais importante nesse processo é que o artista não agiu meramente por “intuição”, como se a inspiração fosse algo sobrenatural que repentinamente o fizesse produzir uma obra de arte. Louis quis desenvolver um trabalho que ele racionalizou. É assim que ele age ao sobrepor tonalidades e ao guiar as cores em seu escorrimento.

O efeito que a obra provoca é o de fazer o observador deleitar-se apenas com as cores apresentadas, sem a intenção



consciente de buscar algo próximo à representação, por mais que se diga que o artista quis fazer “desenhos florais” nesta e em tantas outras de suas obras. O vazio que ele deixou em algumas partes no meio da tela crua termina por não ser um espaço negativo (o nome que se dá a espaços “vazios” em pinturas), mas antes mistura-se com as demais cores apresentadas.

Este modo de utilizar os *aspectos formais* – neste caso, a cor e as formas que ela gera ao escorrer pela tela – parece querer atingir a quem olha o trabalho de maneira a deixar seu pensamento e interpretação mais livres do que em obras figurativas (“não abstratas”), mesmo que seja uma pintura pensada e racionalizada em sua estruturação.

Portanto, a abstração estaria presente não apenas por não representar um objeto concreto do mundo exterior, mas por conseguir atingir o fruidor (nome dado a quem observa a obra) ao racionalizar e simplificar a utilização da cor de uma maneira não convencional, sem que a obra torne-se banal ou apenas um “aglomerado de tinta”, como muitos equivocadamente definiriam.

Dr. Horrible's sing-along blog

mundo geek

um vilão bom,
um herói mau,
e uma mocinha
na internet mais próxima

Não é que Joss Whedon conseguiu de novo? O criador de *Buffy*, *Firefly* e roteirista aclamado dos quadrinhos *X-Men*, *Runaways*, além da própria *Buffy*, agora investiu na internet e produziu mais um hit: *Dr. Horrible's Sing-Along Blog*. Trata-se de uma mini-série de comédia musical que pode ser baixada via iTunes ou vista no Youtube. Ela estreou dia 15 de julho com sucesso absoluto. Foi o vídeo mais baixado no iTunes entre os dias 15 e 19 de julho. O site oficial (www.drhorrible.com), que mostrava os episódios gratuitamente, chegou a sair do ar algumas vezes porque não suportava os 200 mil acessos por hora no dia da estréia. De acordo com o *Variaty.com*, Jed Whedon, irmão de Joss e um dos roteiristas, passou a metade do dia 15/08 contatando servidores maiores para poder dar conta da demanda.

O site oficial de *Dr. Horrible's Sing-Along Blog* chegou a registrar mil acessos por segundo, o que faz do musical o mais bem sucedido produto de dramaturgia lançado até então na web. Todos os grandes conglomerados televisivos norte-americanos já tentaram fazer iniciativas parecidas, geralmente programetes promocionais de séries já existentes. Contudo, nunca tiveram retorno satisfatório de público nem conseguiram grande repercussão da crítica. Do outro lado da moeda, produtores independentes despejam todos os meses dezenas de mini-séries de várias temáticas na web, mas conseguem apenas audiências modestas. Muito por serem trabalhos de amadores ou de profissionais pouco conhecidos. São notícias assim que fazem de *Dr. Horrible's* um produto pioneiro e único. Afinal, ele foi popular, independente e muito elogiado pela crítica.

Durante a greve dos roteiristas do ano passado, Joss teve a idéia de fazer uma mini-série para a web inspirado em uma outra independente chamada *The Guilt*, da qual sua amiga, a atriz Felicia Day (*Buffy*), atua e produz. A vontade de fazer um musical era ainda mais antiga: desde que dirigiu e escreveu o episódio *Once More With Felling*, de *Buffy*. Ele ficou motivado em fazer uma peça para Broadway depois do sucesso da experiência no seriado. Foi como unir o útil ao agradável. Ele e os irmãos Jed, Zack, além da cunhada Maurissa Tancharoen, escreveram a respeito de um super-vilão bonzinho que luta contra um super-herói narcisista e canalha para dominar o mundo. Eles também duelam pelo coração da adorável Penny. Joss pediu a liberação dos ótimos Neil Patrick Harris (*How I Met Your Mother*) e Nathan Fillion (*Firefly* e *Desperate Housewives*) para viverem respectivamente o vilão Dr. Horrible e o herói Capitão Hammer, além de convidar a própria Felicia Day para interpretar Penny.

São três episódios de 13 minutos. Dr. Horrible ambiciona entrar para a "Liga do Mal dos Vilões", mas seus feitos não impressionam, logo ele precisa fazer um grande ato de vilania para poder ser levado à sério. Acha que conseguirá com uma arma capaz de parar o tempo. Mas o problema dele mesmo é que o seu arquiinimigo, o Capitão Hammer, começa a paquerar a mulher dos seus sonhos. Dr. Horrible é um cara tímido e romântico. Fazia questão de lavar as roupas na lavanderia no mesmo horário e dia que ela só para admirá-la. Ele achava que a arma de congelar também serviria como um recurso dele ter tempo para encontrar as palavras certas e poder falar com Penny que gostava dela. Olha só que bonitinho! É verdade que os irmãos Whedon e Tancharoen partiram de uma história que pode não ser original, mas o final é surpreendente.

O trabalho da equipe é muito bom. Apesar de Joss Whedon ter feito tudo com o dinheiro do próprio bolso, o baixo orçamento não impediu uma boa direção (feita pelo próprio), qualidade de imagem, edição de som, fotografia e até efeitos especiais decentes. *Dr. Horrible's Sing-Along Blog* é um produto formidável, os episódios são legais, os atores não falam rápido o que facilita o entendimento do público estrangeiro. Ninguém canta como se estivesse numa ópera, com extensão, o que é fantástico: entende-se a história e as canções. E é uma série engraçada. Não que você vá cair da cadeira de tanto rir, mas o humor é bem dosado e inteligente.

Satisfeito com o sucesso da mini-série (e com o retorno financeiro), Dr. Horrible pode virar história em quadrinhos, ter continuação e ainda ser lançado em DVD. Taí a recompensa do investimento numa idéia própria, mesmo que não tenha tido o aval de uma grande companhia.



cavaleiro das trevas

Leonardo de Moura

É tempo de euforia para os fãs de quadrinhos e do bom cinema. Isso graças ao novo filme do homem-morcego que estreou em todo o mundo no último dia 18: *Batman – O Cavaleiro das Trevas* (*Batman: The Dark Knight*, EUA, 2008). Mais uma vez o diretor Christopher Nolan, que trabalhou no roteiro juntamente com seu irmão Jonathan Nolan, mostrou que ter a receita acertada para um filme do sombrio herói de Gotham City. Sempre levando em consideração que HQs e Cinema são mídias diferentes, ele conseguiu transpor uma vez mais para a tela um herói capaz de agradar ao público de ambas. Nessa seqüência do aclamado *Batman Begins* (2005), o herói mostra-se sombrio como deve ser, mas também está mais maduro e usa mais a cabeça do que antes (o que não quer dizer, é claro, que não haja incríveis seqüências de luta e ação). O elenco principal é basicamente o mesmo do filme anterior: Christian Bale vive Batman/Bruce Wayne, Michael Caine interpreta o fiel mordomo Alfred, Gary Oldman dá vida ao Tenente Gordon e Morgan Freeman é Lucius Fox. Apenas Katie Holmes foi substituída no papel da promotora Rachel Dawes por Maggie Gyllenhaal. Novos e importantes personagens foram acrescentados à trama: o promotor Harvey Dent (Aaron Eckhart) e o insano criminoso Coringa (o falecido ator Heath Ledger). Como já era de se esperar, Ledger rouba todas as cenas em que aparece, nos brindando não com um Coringa engraçado e eventualmente mortal – como o que Jack Nicholson nos apresentou em *Batman*, de 1989 – e sim com um psicótico ensandecido cujo único objetivo é levar o homem-morcego ao limite da razão. Assim, todo o filme gira em torno do aspecto da dualidade e das escolhas que daí decorrem. O roteiro denso e que não “cai” em nenhum momento, aliado às espetaculares cenas de ação e à excelente interpretação do elenco, são garantia de entretenimento de qualidade para todos, fãs do Batman dos quadrinhos ou não, nesta temporada de férias.

Djenane Arraes

Não deveriam mais fazer filmes do Batman e colocar o Coringa como vilão. Pelo menos não se os produtores quiserem garantir que o super-anti-herói seja o personagem que importa. Acontece que, mais uma vez, o Coringa não apenas rouba dinheiro e sanidade. O palhaço psicótico pegou o filme para si. Batman? O espectador não é hipnotizado por ele, e sim por uma risada sarcástica que faz arrepiar todo e qualquer cabelo do corpo. Os roteiristas Christopher e Jonathan Loner, apesar de complicar em alguns pontos e enrolar em outros, souberam escrever uma boa história onde cada personagem tem o seu papel claro e definido, mesmo na dualidade que eventualmente vão apresentar. Todos, menos o Coringa. Definido ele é, mas não existe dualidade nele. É como se fosse o mal encarnado num rosto rasgado, borrado de branco, vermelho e preto, expressão sádica, tiques nervosos irritantes. Um monstro em forma humana capaz de corromper até o melhor dos cidadãos para transformá-lo em sua grande obra-prima. O papel foi encarnado de maneira brilhante por Heath Ledger, que construiu o melhor Coringa da história do cinema, TV e de muitas fases dos quadrinhos. O filme deveria ser chamado de *Coringa - O Cavalheiro do Caos*. Seria mais justo. Não que o Batman de Christian Bale tenha se apagado. Ele e o resto do elenco foram excelentes em seus papéis, principalmente Aaron Eckhart. É só uma questão de estrela e justiça. No fundo, não foi um filme sobre um herói popular da DC, mas sim do maior vilão dos quadrinhos criado em 1940 por Bill Finger, Bob Kane e Jerry Robinson. O curioso é que em sua concepção, o personagem deveria ser apenas uma figura engraçada e meio maluca. A virada do Coringa da forma que nós o conhecemos aconteceu nos anos 70 quando o escritor Dennis O’Neil o transformou num legítimo maníaco homicida. Desde então, ele representa não apenas o pesadelo do Batman, mas de todo mundo. Sua filosofia é que o que separa um cidadão decente de um assassino é um dia ruim. *Em Batman - O Cavaleiro das Trevas*, ele comprova sua teoria. Que se faça o caos.

